

Atraso ajudará novo governo, diz Sarney

Na Conversa ao Pé do Rádio, presidente diz que preserva as reservas cambiais

BRASÍLIA — O presidente José Sarney justificou ontem, no programa semanal **Conversa ao Pé do Rádio**, o atraso dos compromissos do Brasil com o Clube de Paris dizendo ser uma forma de preservar as reservas e dar condições para que seu sucessor possa renegociar a dívida externa brasileira. "O meu desejo é realmente o de entregar o País em condições de o novo presidente poder negociar os seus problemas relativos à dívida externa e resolver os problemas da economia em outras condições, que eu não tive", afirmou.

No programa, transmitido de Paris, onde assistiu às soleni-

dades do bicentenário da Revolução Francesa, Sarney fez um apelo para que se inicie uma revolução econômica em todo o mundo e se dêem aos países pobres condições de crescer em liberdade. Segundo o presidente, nas conversas que manteve com chefes de governos estrangeiros em Paris, a tônica foi o endividamento externo da América Latina.

Do presidente francês, François Mitterrand, Sarney disse ter obtido a promessa de que a França vai defender a causa da América Latina na próxima reunião dos sete países mais ricos do mundo, que se realizará logo depois do término das comemorações do bicentenário da revolução.

Os ideais revolucionários — liberdade, igualdade e fraternidade — devem prevalecer de acordo com o presidente, no tratamento da dívida externa.

□ Í N T E G R A □

É a seguinte a íntegra da fala do presidente José Sarney no programa **Conversa ao Pé do Rádio** de ontem:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio. Hoje sexta-feira, dia 14 de julho de 1989, é um grande dia para o mundo, uma vez que é o dia da comemoração do bicentenário da Revolução Francesa, ocorrida em 1789, essa revolução que constitui um marco importante na história da Humanidade, dos tempos modernos. Ela representa sobretudo a síntese de toda a história e da busca do homem em favor da consolidação em termos escritos dos seus direitos e do seu total desejo de nenhuma servidão. A Declaração dos Direitos do Homem, consagrada na Revolução de 1789, constitui, sem dúvida, uma página que se desdobrou na história constitucional de todos os países e no Estado de Direito implantado na área democrática do mundo.

Como sabem, estou em Paris e também nessa função que é o desdobramento da diplomacia presidencial, que tenho exercido e que se constitui em uma nova etapa de nossas relações internacionais. Um dos deveres do presidente é o dever da representação do país.

O 14 de julho, como eu disse, é uma data importante da Humanidade. A revolução é um marco da história política moderna. Esse dia se transformou num símbolo da liberdade, da igualdade, da fraternidade em todo o mundo, expressão da conquista de liberdades políticas aplicadas e praticadas no dia-a-dia do convívio entre o cidadão e o Estado. Para que se possa ter a visão da permanência desses ideais da Revolução Francesa, basta dizer que na Constituição brasileira, agora, no título que diz respeito aos direitos individuais, existem muitas repetições daquelas declarações dos direitos do homem consagrados na revolução de 1789.

Eu sou convidado do governo francês; aqui estou, porque o Brasil não pode estar ausente numa data que é um marco histórico e porque a importância do nosso País não nos permite ausentar-se da cúpula mundial. Aqui estão 33 chefes de Estado e de governo. Esta viagem consolida também os laços de amizade que nos unem à França, este país com o qual nós temos grandes ligações históricas, culturais, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas. E o governo francês nos convidou como amigos e nos deu também oportunidades para encontros com presidentes de outros países com os quais o Brasil tem interesses comuns. Estive, por exemplo, com o presidente Bush, dos Estados Unidos, com o premier do Japão, Uno, com o primeiro-ministro e chefe do governo alemão, Sr. Kohl, com a primeira-ministra da Inglaterra, a Sra. Thatcher, com o primeiro-ministro da Índia, Gandhi, também sem falar dos meus colegas da América Latina, que conjuntamente conosco têm mantido esta luta pela defesa dos interesses do nosso continente, como Sanguinetti, do Uruguai, Andrés Pérez, da Venezuela, Salinas, do México. E também tive a oportunidade de estar com a presidenta das Filipinas, Corazón Aquino, o presidente do Senegal, enfim, com todos os chefes de Estado e de governo do mundo inteiro que estão aqui reunidos em Paris, e discutindo problemas que são conjuntos e problemas que são gerais.

Falamos muito também da dívida externa, e temos um consenso, nós hoje da América Latina. Não há solução para a dívida externa sem que se pense, sem que se adote uma solução da diminuição do volume da dívida e de uma negociação rápida, que não seja somente uma negociação, mas que seja uma negociação que elimine o problema. Negociações nós temos tido muitas, mas precisamos ter uma negociação definitiva. Foi um diálogo franco e aberto de países irmãos, que

comungam das mesmas idéias, diante de problemas comuns. Portanto, eu acho que a iniciativa do presidente Mitterrand foi uma iniciativa muito oportuna.

Também tive oportunidade de falar com o presidente Mitterrand sobre a necessidade de acabarmos com esse fosso que existe cada vez maior entre países pobres e países ricos e aproveitar as comemorações, que estão sendo feitas aqui, para reunir esse grupo de nações credoras e devedoras, estabilizadas e em transição para a democracia, para lembrar o lema dos revolucionários de 1789, que deve ter uma nova tradução. Igualdade, portanto, agora, significa desenvolvimento, maior justiça na ordem econômica internacional. Liberdade quer dizer mais respeito aos direitos humanos, liberdade também contra as doenças, contra a fome. Fraternidade hoje é o desarmamento em termos militares e cooperação entre os povos em todos os sentidos. Fraternidade também significa consolidar a paz. A França anunciou seu compromisso de advogar oficialmente, na próxima reunião dos sete países mais industrializados, um novo e justo tratamento para a dívida externa dos países em desenvolvimento. Esta reunião dos grandes começará logo após o término das comemorações do bicentenário da revolução de 1789.

Nossa voz, ao relembrar a Revolução Francesa, é de relembrar e de renovar o clamor pela necessidade de uma outra grande revolução. Uma revolução mundial, que signifique uma nova ordem econômica, um basta ao protecionismo, às sanções, à política do mais forte impondo soluções aos mais fracos. Significa desarmamento, extinção dos conflitos regionais, livre determinação dos povos, não-ingêrência em assuntos internos, igualdade efetiva dos Estados, e um esforço conjunto para defender O nosso planeta, o meio ambiente, sem emoções, na base da cooperação e não da coação. Uma constatação todos nós temos: É que o nosso planeta realmente está doente pela poluição da atmosfera, pelo dano à camada de ozônio. Precisamos salvá-lo. Nós cumprimos a nossa parte, os países desenvolvidos têm de cumprir com a sua parte, mas têm de cumprir com determinação e não com emoção, sem fugir do problema central, que é o problema da civilização industrial, que é uma civilização que tem causado profundos danos ao planeta, no setor da modificação do nosso clima, da nossa atmosfera e do dano a essa camada que protege a Terra e permite a vida. Portanto, eu acho que a maior mensagem que podíamos ter hoje na França seria a de clamor por essa nova revolução, o fim da opressão econômica internacional que sufoca os países que lutam para crescer em liberdade como o Brasil, que é hoje uma grande democracia, com suas instituições consolidadas, que não pode recuar e que não pode ser acuado por soluções econômicas que venham de fora.

Brasileiras e brasileiros, para terminar, eu quero comunicar que nós adiamos o pagamento de alguns compromissos da dívida externa para preservar as nossas reservas e dar condições para que o meu sucessor possa negociar firmemente, mantendo o nosso fluxo comercial com o Exterior. Como todos são testemunhas, eu estou procurando cumprir com o meu dever procurando um alto preço político, mas jamais fazendo qualquer concessão à demagogia, recusando sempre medidas que são votadas e que significam medidas que serão danosas para a nossa economia. O meu desejo é realmente o de entregar o País em condições de o novo presidente poder negociar os seus problemas relativos à dívida externa, e resolver os problemas da economia com outras condições que eu não tive. Mas, estou criando essas condições e, como sempre afirmo, nós vamos vencer. Tenho lutado e vou continuar lutando. Muito bom dia e muito obrigado."